

Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações, por Kabengele Munanga. São Paulo: Global, 2009. 109 p. Il.

Durante muito tempo, as imagens veiculadas da África subsaariana correram o mundo e chegaram aos nossos olhos como estereótipos de cenas de um filme de Tarzan. Hoje em geral, tais imagens revelam uma África reduzida e dividida onde residem a fome, as guerras, as calamidades naturais, as doenças endêmicas, a aids e a miséria. No entanto, até a véspera da era colonial moderna, era comum encontrar imagens positivas sobre o continente que retratam a fauna e a flora exuberantes, as paisagens, as riquezas, os reinos e clãs e a beleza das mulheres e crianças. Imagens de uma África autêntica em sua múltipla realidade e que podem criar um sentimento de solidariedade com os países africanos. Este livro objetiva resgatar a história e a beleza da África antes da exploração e dominação brutal a que os africanos foram submetidos para justificar e legitimar sua colonização. Com textos e fotos, o autor busca arrancar a máscara bárbara imposta àquele continente, com o intuito perverso de divulgar ao mundo uma África rude, selvagem e desprovida de humanidade, e nos revelar a sua verdadeira, desconhecida e harmoniosa face.

Angola. Nascimento de uma Nação – Um estudo sobre a construção da Identidade Nacional, por Carlos Serrano. Prefácio de Alfredo Margarido. Luanda: Kilombelombe, 2008. 376p. Coleção Ciências Humanas e Sociais. Série Sociologia e Antropologia, nº. 1. *Nota:* Com a publicação desta obra o autor foi laureado com o *Prémio Nacional de Cultura e Artes 2009*, de Angola, na categoria “Investigação em Ciências Humanas e Sociais”.

Esta obra, que é mais uma edição de qualidade da editora angolana Kilombelombe, o angolano Carlos Serrano apresenta-nos o resultado de sua tese de doutoramento em Antropologia, apresentada na Universidade de São Paulo, em 1988. Trata-se, antes de mais, de uma perspectiva histórico-

sociológica respeitante ao nascimento do Estado angolano, seja com abordagem em detalhe da luta anticolonial, seja com apresentação de elementos respeitantes ao processo de descolonização. O autor apresenta-nos também a sua visão sobre a forma como decorre o processo de construção da Identidade nacional angolana, que irá conduzir à criação daquilo que podemos designar por “nação angolana”. Para além de sete capítulos, o livro apresenta em anexo uma série de documentos e uma lista bibliográfica contendo referências de vários quadrantes ligadas às Ciências Sociais e Humanas e, particularmente, a Angola. O primeiro importante aspecto, que constitui um dos elementos positivos que não podem deixar de ser referidos, prende-se com a definição de conceitos - fator indispensável em trabalhos académicos, sobretudo quando se abordam conceitos com entendimentos tão dispares como são os casos de *nação*, *etnia* e *identidade*. Depois de definir grupo étnico e de explicar a forma como atua a identidade étnica, o autor reconhece a necessidade de existência de uma consciência nacional para que um ou mais grupos étnicos constituam uma nação. Mas atenção, pois não devemos confundir nação com povo, com população ou com pátria (que são coisas absolutamente distintas). Temos grupos étnicos em Angola, há elevada dose de consciência patriótica, mas faltamos a consciência nacional. Para alcançarmos daqui a algum tempo esse almejado patamar, é preciso antes de mais que reconheçamos o que falta para lá chegarmos. Dentre os fatores que contribuirão para o aproximar dos vários grupos sociais e para a conseqüente proliferação de uma consciência nacional entre nós, podemos citar a igualdade perante a lei, uma maior preocupação com os anseios dos cidadãos, uma mais justa distribuição do rendimento e um maior investimento no acesso ao conhecimento. [Extrato da apresentação por Paulo de Carvalho, publicada no *Semanário Angolense*, Caderno *Cultura* 26/09/2009, p. 42].

Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961–1974), 2 v., por Marcelo Bittencourt. Luanda: Kilombelombe, 2008.

232 *Estamos juntos* é uma expressão de cunho otimista corriqueiramente utilizada por muitos angolanos, quase sempre no momento de uma saudação ou despe-

dida. É possível que, de tanto ser reproduzida, muito de sua força expressiva tenha se esvaecido, principalmente para os ouvidos angolanos. Entretanto, para um brasileiro interessado em estudar a história recente de Angola e que vivenciou o cotidiano angolano, ela ainda reflete a idéia de otimismo e, acima de tudo, de solidariedade, mesmo que esta tenda a se restringir, como muitos têm alertado, em função dos 27 anos de guerra civil e suas conseqüências.

Por outro lado, o título do livro não deixa de mostrar uma contradição, nesse caso intencional: o que se observa nos fatos narrados é que os angolanos não estavam assim tão juntos, muito pelo contrário, mesmo quando se tratou da luta anticolonial.

O livro se debruça sobre a história do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) no contexto da luta anticolonial. Para dar conta dessa trajetória, foi dividido em oito capítulos, que se referem, no seu fundamental, às diferentes lutas travadas pelo MPLA no período – quer fossem com grupos políticos que concorriam pelo apoio da população angolana na luta pela independência, quer com o inimigo primeiro, o colonialismo português, quer em torno dos vários casos de crise interna no próprio movimento, suas possíveis causas e conseqüências.

A questão ancestral: África negra, por Fábio Leite. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas. 2008. 385 p. Il.

[<WWW.palasathena.org.br> / <WWW.casadasafricas.org.br>].

O trabalho de Fábio Leite explora sua proposição de que fatores integrantes de várias esferas ligadas à estruturação e dinâmica dos processos sociais de três sociedades negro-africanas são portadores de uma dimensão ancestral dotada de concretude histórica. O estudo envolve os Ioruba do Benin (reino de Ketu) e da Nigéria (reinos de Ifé e Oyo), os Agni-Akan (reinos Ndenie, Samwy e Morofoé, da Costa do Marfim) e os Senufo do mesmo país (África do Oeste). Estabelecendo relações entre fatores de práticas sociais daqueles complexos civilizatórios, o autor conseguiu construir conceitos materiais para a definição do que é um ancestral nas sociedades estudadas e quais são as formulações históricas existentes entre as duas instâncias. (Extraído da apresentação).

África no Brasil: a formação da língua portuguesa, por Margarida Petter e José Luiz Fiorin (org.). São Paulo: Contexto, 2008. 208 p.

Estudar o encontro do português com línguas, povos e culturas africanas e indígenas é fundamental para a compreensão do chamado português brasileiro. *África no Brasil* tem por objetivo identificar os traços lingüísticos atribuídos ao contato do português com as línguas africanas que aqui aportaram no período da colonização. As palavras de origem africana que se perpetuaram no território brasileiro constituem uma maneira de conceituar e categorizar a realidade. É isso que este livro - escrito por renomados especialistas na área - demonstra através da abordagem de questões que ajudam a entender melhor a formação do português brasileiro, como a apropriação do léxico de origem africana, a contribuição semântica no vocabulário, o exame da sintaxe e outros processos lingüísticos. Mais que um livro de lingüística, esta obra revela um sentimento de profundo respeito pelos povos africanos e pelas suas línguas, cristalizações de sua maneira de ver o mundo. (*Sinopse* da editora).

Archaeology of a central Saharan granitic ring complex in Níger, by J. Desmond Clark et al. Tervuren: Royal Museum for Central Africa, 2008. 403p. *Studies in Human Sciences*, vol. 170.

This monograph presents climatic, geochronological, radiometric, and archaeological evidence for hominin activities around the Adrar Bous massif on the western edge of today's Ténéré Desert, Niger. It documents a Late Acheulean lithic industry a generalized Middle Paleolithic, and an Aterian displaying technological affinities to equatorial African industries. It also documents tow phases of early Holocene Epipalaeolithic during high lake levels in the Ténéré, followed by cattle-keepers of Tenerian tradition. Ceramic analysis indicates emergence of an autochthonous Tenerian tradition from earlier, more widespread pottery fabrication practices. Faunal evidence reflects aquatic

África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 29-30: 229-235, 2008/2009/2010

exploitation during Holocene high lake levels, followed by Tenerian cattle based pastoralism, with suggestions of ritualized feasting and refuse disposal. This richly illustrated and profusely documented volume contributes to Saharan archaeology and, more broadly, to Pleistocene and Holocene African archaeology [*The Editors*].

Pele negra, máscaras brancas, por Franz Fanon. Salvador: CEAO/UFBA, 2008. (Tradução de Renato da Silveira.